

GEOSABERES: RUMO À CONSOLIDAÇÃO QUALIFICADA NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

(Geosaberes: towards consolidation in qualified geographical science)

Christian Dennys Monteiro de Oliveira

Editor - Geosaberes

cdennys@gmail.com

Algumas notícias nos alegram mais do que nos desafiam. Outras fazem o contrário, naturalmente. Já o acolhimento da avaliação de Área, na CAPES, promovendo o 2º semestre do ano a GEOSABERES à condição de B5, conseguiu alegrar e desafiar toda equipe editorial e os membros dos Conselhos em um só tempo em 100%! Sentimo-nos definitivamente no rumo de uma consolidação qualificada do periódico, que agora completa seu segundo ano. O que para o Programa de Pós-Graduação em Geografia-UFC, acaba sendo mais uma demonstração de sua capacidade de impulsionar as pesquisas também nessa área.

O que consideramos “consolidação” encontra-se diretamente relacionado ao reconhecimento da amplitude contida na ideia de “educação geográfica”. Desde o primeiro número apresentamos os *geosaberes* expressão temática que transcende às restrições interpretativas do “ensino de geografia” como temática autônoma ou auto-sustentável. Pode-se, ao contrário, até afirmar que os temas aqui acolhidos estejam inseridos melhor no terreno da “aprendizagem de geografia”. E que o “ensino”, como manifestação de aprendizagem – assim como outras práticas culturais de forte apelo contemporâneo – participa da GEOSABERES como um privilegiado tradutor de outras linguagens do aprender.

Neste sentido, é possível exercitar a leitura dos 9 artigos que trazemos para a contribuição semestral, pensando as multifacetadas práticas de ensino que conforme a Revista, ensina para aprender o além daquilo que uma Aula de Geografia comumente sugere.

Ensina sobre **AS TIC NAS ESCOLAS E OS DESAFIOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**, conforme Andre Breno Stümer considera o peso das dificuldades de se trabalhar o global geográfico no cotidiano escolar. Ensina via a pesquisa sobre metodologia de avaliação geográfica, liderada por Javier Delgado e equipe da Universidade de Huelva, que compreende o ensino superior de geografia como um campo formativo ainda muito carente de amarrações político-pedagógicas. Ensina por intermédio de **A CIDADE: UM TEXTO A SER DESCOBERTO, UMA HISTÓRIA PARA RECONTAR** cuja dramaturgia faz tecer experiências daquilo que marca o urbano interiorano como um laboratório de textos, conforme Marcelo Souza Brito. Ou que em **A GEOGRAFIA ESCOLAR E AS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DE ESTUDANTES COM CEGUEIRA**, Ana Paula Nunes Chaves torna tátil dessa tessitura, exatamente para que possamos compor uma profundidade interpretativa; principalmente quando falamos de recursos didáticos excessivamente centrados no parâmetro fixo da visão.

Este ensino de aprendizagens geográficas avança nos três textos seguintes, considerando bens preciosos de nossa ação como professores-pesquisadores. Inicialmente “Paisagem” na construção de conceitos, por Ana Beatriz Maciel e Fábio Marinho (**O ESTUDO DA PAISAGEM E O ENSINO DA GEOGRAFIA: BREVES REFLEXÕES PARA DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II**). Na sequência a “Criatividade” na formatação de avaliações, por Emerson Ribeiro (**A CRIATIVIDADE EM GEOGRAFIA, PRÁTICA PEDAGÓGICA E**

AVALIAÇÃO: LANTERNAS GEOGRÁFICAS). E o “Trabalho em Grupo” na capacidade de interação com o campo e as análises paisagísticas, por Renato Pereira (**GRUPOS DE PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO, PRÁTICA DE CAMPO E ANÁLISE DA PAISAGEM COMO PROPOSTA METODOLÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**). Não se trata de forçar uma leitura de começo, meio e fim nestes trabalhos, completamente autônomos entre si. Mas de propor a(o) leitora(or) um “gancho” ou um “insight”, suficientemente forte para evitar o reducionismo de tomar cada registro científico demonstração de casos. O que se ensina – ao menos assim é que se propõe para apreciação – são mediações à aprendizagem geográfica porvir. Seja dentro, seja fora da sala de aula.

Aprendizagem esta que fecha o bloco dos artigos com dois campos cognoscíveis, raramente acionados pela prática geográfica escolar. De um lado a Música, que no trabalho de Suellem Pereira (**REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO E OS RECURSOS ADOTADOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA: A UTILIZAÇÃO DE MÚSICAS EM SALA DE AULA POR PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE, PB**); De outro a Paleontologia, debatida no trabalho de Fernando Fernandes (**PALEONTOLOGIA DO DEVONIANO NOS CAMPOS GERAIS DO PARANÁ: CONTRIBUIÇÕES DE UMA PRÁTICA DE CAMPO PARA O ENSINO DE GEOCIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**). Sem a amplitude interlocutora de uma educação geográfica, que ensina aprendendo, como paleontologia e música poderiam mediar os conteúdos da geografia escolar?

O texto de Ivna Machado (**A EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA**), no espaço metodológico, não responde essa questão. Mas apresenta um vínculo que ainda temos menosprezado nas perspectivas dos bacharelados e licenciatura da área: o peso da profissionalização nos parâmetros internacionais. Pesquisa, ensino, formação tecnológica e adaptações curriculares, não podem ignorar-se tanto como projetos de “oportunidades”. Não há, portanto, qualquer garantia de efetivação dos projetos sem que os sujeitos envolvidos proponham, a si mesmo (individual e coletivamente) mecanismos para adoção dessas oportunidades. Aprendizagem geográfica é uma permanente apreensão de múltiplos conteúdos em formas cada vez mais heterodoxas.

Fazer pensar concordando, reelaborando ou descartando tais interpretações é um exercício que (até essa edição da revista) propomos ser efetivado com o apoio mais livre de prosas e poesias. Além das contribuições de literárias (*Autogeografia* e *A Utopia do Presente: o Livro de Antigamente*) de colegas que já estiveram conosco em outras edições, trouxemos dois poemas e um relato pessoal de formação acadêmica, para nos envolver mais diretamente neste número comemorativo: *Dois Momentos Andaluzes*. Num dos poemas apresentados temos uma polemica que nossa pesquisa testemunhou nos debates entre técnicos/políticos que se entende por “revolucionários” e religiosos/ecologistas auto proclamados “poetas”. Fizemos a escolha deste quando percebemos que 24 pesquisas de novos docentes (nos resumos finais) de um jeito ou de outro faz oscilar essas duas faces na vivência professoral. Novamente concordar ou descartar a associação é um privilegio da leitura, não é mesmo?

Para próxima edição já alertamos que teremos novidades de forma, conteúdo e organização. Desta feita, pensamos, salvo melhor juízo, que estamos consolidando um rumo certo. “Certo”, por que acreditamos *em time que se está ganhando*, não mudar é parar no tempo. E o time da GEOSABERES, não chegou até aqui para se iludir com os primeiros louros!

Muitas e excelentes leituras!